



## **CUIDAR, EDUCAR, PESQUISAR: A MATERNIDADE NO CONTEXTO ACADÊMICO**

Lucas Vargas Bozzato<sup>1</sup>  
Eduarda Vesfal Dutra<sup>2</sup>  
Silvia Teixeira De Pinho<sup>3</sup>  
Franciele Roos Da Silva Ilha<sup>4</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho analisa desafios enfrentados por mulheres no contexto acadêmico a partir da experiência da maternidade. A investigação teve como objetivo refletir sobre como a maternagem atravessa a formação e a atuação de mulheres na universidade, especialmente na pós-graduação, de modo a visibilizar tensões, silêncios e estratégias desenvolvidas por essas mulheres. Fundamentado na pedagogia feminista popular, o estudo utilizou rodas de conversa, escuta ativa e relatos escritos de três participantes, duas docentes e uma discente, integrantes de um grupo de pesquisa em Educação Física. A metodologia foi construída de forma horizontal e dialógica, respeitando os tempos, formatos e disponibilidades das mulheres participantes. Os resultados revelaram a sobrecarga enfrentada pelas mães acadêmicas, mesmo quando inseridas em contextos de maior estabilidade institucional. Destacaram-se estratégias como o trabalho noturno, redes de apoio familiares e improvisações no cotidiano universitário para conciliar cuidado e produção acadêmica. Também foram apontadas demandas por políticas institucionais de apoio, como flexibilização de prazos, criação de creches e reconhecimento da maternidade como elemento estruturante da vida acadêmica. Conclui-se que a maternidade não é um obstáculo à excelência, mas expõe as contradições de um modelo acadêmico excludente, exigindo transformações estruturais para acolher as múltiplas existências que habitam a universidade.

**Palavras-chave:** universidade; academia; pedagogia feminista; cuidado; maternagem.

## **CUIDAR, EDUCAR, INVESTIGAR: LA MATERNIDAD EN EL CONTEXTO ACADÊMICO**

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil - lucasbozzato2@gmail.com.

<sup>2</sup>Mestra em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil - eduarda.dutra1@hotmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil - silvia@unir.com.

<sup>4</sup>Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil - francieleilha@gmail.com.

## Resumen

Este trabajo analiza los desafíos que enfrentan las mujeres en el contexto académico desde la experiencia de la maternidad. La investigación tuvo como objetivo reflexionar sobre cómo la maternidad atraviesa la formación y la actuación de las mujeres en la universidad, especialmente en la posgraduación, visibilizando tensiones, silencios y estrategias desarrolladas por ellas. Fundamentado en la pedagogía feminista popular, el estudio utilizó círculos de diálogo, escucha activa y relatos escritos de tres participantes, dos profesoras y una doctoranda, integrantes de un grupo de investigación en Educación Física. La metodología fue construida de manera horizontal y dialógica, respetando los tiempos, formatos y disponibilidades de las mujeres participantes. Los resultados revelaron la sobrecarga que enfrentan las madres académicas, incluso en contextos de mayor estabilidad institucional. Se destacaron estrategias como el trabajo nocturno, redes de apoyo familiares e improvisaciones en el cotidiano universitario para conciliar el cuidado y la producción académica. También se señalaron demandas por políticas institucionales de apoyo, como la flexibilización de plazos, la creación de guarderías y el reconocimiento de la maternidad como un elemento estructurante de la vida académica. Se concluye que la maternidad no es un obstáculo para la excelencia, sino que expone las contradicciones de un modelo académico excluyente, lo que exige transformaciones estructurales para acoger las múltiples existencias que habitan la universidad.

**Palabras clave:** universidad; academia; pedagogía feminista; cuidado; maternaje.

## CARE, EDUCATE, RESEARCH: MOTHERHOOD IN THE ACADEMIC CONTEXT

### Abstract

This paper analyzes the challenges faced by women in the academic context through the lens of motherhood. The study aimed to reflect on how mothering intersects with the education and professional practice of women in the university, especially in graduate studies, highlighting tensions, silences, and strategies developed by these women. Grounded in popular feminist pedagogy, the research employed conversation circles, active listening, and written narratives from three participants, two professors and one doctoral student, members of a Physical Education research group. The methodology was built in a horizontal and dialogical manner, respecting the time, formats, and availability of the participating women. The results revealed the overload experienced by academic mothers, even when placed in contexts of greater institutional stability. Strategies such as nighttime work, family support networks, and daily improvisations within the university setting stood out as ways to balance caregiving and academic production. The study also pointed to demands for institutional support policies, including deadline flexibility, the creation of daycare centers, and the recognition of motherhood as a structuring element of academic life. It concludes that motherhood is not a barrier to excellence but rather exposes the contradictions of an exclusionary academic model, calling for structural changes to embrace the multiple existences that inhabit the university.

**Keywords:** university; academia; feminist pedagogy; care; mothering.

## Apresentação

Este trabalho tem como tema a maternidade na academia e os modos como essa condição atravessa a formação e a atuação de mulheres no espaço universitário. O objetivo é refletir e dar visibilidade aos desafios enfrentados por mulheres que vivenciam a maternidade nesse contexto, destacando como as experiências da maternidade e da maternagem influenciam seus percursos, especialmente na pós-graduação.

A fundamentação se inspira na perspectiva da pedagogia feminista popular, em que Ochoa (2008), citado por Silva (2022), fundamenta-se em dois pilares principais: filosófico-políticos e teórico-conceituais. No primeiro, destaca-se a busca por uma sociedade justa e livre de opressões, reconhecendo os sujeitos como seres sexuados e generificados, cuja aprendizagem parte da experiência de vida e envolve um compromisso ético e político com a justiça, igualdade e solidariedade de todas as pessoas. No plano teórico se apoia no feminismo, com base na democracia de gênero e educação popular, sendo esta última reconhecida como campo educativo de liberdade que compartilha da perspectiva de uma sociedade emancipatória (hooks, 2007).

Além disso, Molina e Cornils (2020) explicam a pedagogia popular feminista como um processo coletivo de conscientização crítica para a superação das estruturas patriarcais, capitalistas, racistas e colonialistas que operam na sociedade, promovendo a justiça de gênero por meio da ação educativa centrada nas experiências das mulheres. Essa abordagem tende a fortalecer o protagonismo das mulheres ao evidenciar as desigualdades sistêmicas que as acometem e limitam sua participação e autonomia, especialmente em espaços como a academia, lugar em que a produção do conhecimento hegemônico se fundamenta na visão andro-eurocêntrica.

O grupo de mulheres mães que compartilharam experiências, problematizaram e refletiram sobre o tema são duas docentes e uma discente doutoranda do programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel), e integrantes do Grupo de Pesquisa em Educação Física e Educação (GPEFE).

Cabe pontuar que a maternidade se refere ao status biológico de ser mãe, enquanto a maternagem envolve as práticas contínuas de cuidado e dedicação aos filhos, que demandam tempo, recursos e afetividade, tarefas socialmente atribuídas às mulheres e que impactam sua vida acadêmica e seus projetos pessoais. Embora culturalmente associada às mulheres, a maternagem não tem gênero, uma vez que o cuidado pode ser compartilhado, mas vemos na prática que ainda recai majoritariamente sobre as mães, sobretudo no ambiente universitário (Chaves, Trindade, Dantas, 2020; Staniscuaski, 2023). Permeado pela lógica capitalista, a produção na academia científica acaba escancarando a desigualdade de gênero na produção acadêmica das mulheres que maternam, principalmente no âmbito psicológico, tendo riscos maiores para depressão, especialmente mães negras ou com filhos com deficiência (Alves, 2022).

Desse modo, falar sobre maternagem e maternidade na academia não se trata apenas de uma demanda pessoal ou pontual, mas de um compromisso político e epistêmico. Ignorar essa dimensão é desconsiderar os marcadores de gênero que estruturam o fazer científico e aprofundam desigualdades (Staniscuaski, 2023). Ao trazer essa discussão, contribui-se para o reconhecimento da maternidade como fator relevante nas políticas de permanência, avaliação e formação acadêmica, além de fortalecer o debate sobre a democratização e humanização das instituições de ensino superior. De modo a ampliar e reverberar as discussões sobre o tema, propomos uma ação de divulgação em espaços que cotidianamente fomentam reflexões, com vistas a inspirar outras práticas e transformações na sociedade, conforme segue explicitado nos caminhos metodológicos.

## **Metodologia**

Este trabalho foi conduzido a partir da escuta ativa e comprometida com os princípios da pedagogia feminista popular. Reconhecendo meu lugar social enquanto homem branco, heterossexual e não pai, optei por assumir uma postura de aliado, disponibilizando-me como colaborador no processo de discussão e sistematização das experiências de mães acadêmicas. Antes de roteirizar a priori a atividade, o que poderia demonstrar uma lógica hierárquica, esta buscou construir-se de forma coletiva, horizontal e dialógica (hooks, 2007; Ochoa, 2007),

valorizando a experiência vivida pelas mulheres como ponto de partida para a produção de conhecimento.

Inicialmente, propus uma roda de conversa com as mães do grupo de pesquisa do qual faço parte, em uma reunião já prevista. A escolha por esse formato se baseia na pedagogia feminista como prática política e afetiva (Korol, 2016), entendendo o espaço da roda como local de encontro de saberes e de escuta mútua, onde o tempo e a linguagem se adaptam às condições das participantes, muitas delas com demandas de trabalho, formação e cuidado. A conversa teve caráter exploratório, com duração de cerca de 15 minutos, realizado em um espaço coletivo comum do grupo, o que favoreceu uma conversa fluída.

Durante a roda, foram esboçadas as primeiras impressões sobre ser mãe na academia, levando ao próximo momento em que foram elaboradas perguntas que permitissem aprofundar os relatos em um segundo momento, de forma assíncrona. Essas perguntas foram enviadas via *WhatsApp*, respeitando o tempo, o formato e a disponibilidade de cada mulher, em consonância com a proposta de uma educação popular feminista que reconhece as subjetividades e as desigualdades concretas (Molina, Cornils, 2020). As respostas foram encaminhadas em diferentes formatos (áudio, texto, imagem). Uma das docentes, embora ainda não credenciada na pós-graduação da UFPel, atua como colaboradora de outro programa, na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

As perguntas orientadoras foram: Como foi sua trajetória acadêmica/profissional? Como a maternidade se relacionou com ela? Quais estratégias você usou/usa para conciliar maternidade e academia? O que a academia precisa mudar para ser mais inclusiva com as mães? A maternidade transformou sua visão sobre carreira e produção de conhecimento? Também foi sugerido que cada participante compartilhasse uma imagem que representasse o que significa ser mãe no espaço acadêmico.

Ressalto que todas as participantes foram informadas sobre os objetivos da atividade e a possível produção de um post na página do grupo de pesquisa como forma de visibilizar o debate. A produção do texto e a eventual publicação só ocorreram após o consentimento expresso de todas, validando e sugerindo correções a *posteriori*, reforçando o compromisso ético com suas narrativas.

Essa metodologia se ancora na concepção da educação como prática de liberdade (hooks, 2007; Ochoa, 2007), onde o processo formativo é também um ato de escuta, transgressão e cuidado. A proposta dialoga com os fundamentos da educação popular feminista, que se pauta pela construção coletiva de conhecimento, pelo reconhecimento das desigualdades estruturais e pela articulação entre vivências pessoais e transformação social (Korol, 2016; Molina; Cornils, 2020). Assim, a metodologia adotada visou, não apenas a coleta de dados, mas a criação de um espaço de reflexão e fortalecimento coletivo.

### **A mulher à frente**

Sou um homem branco, de 28 anos, oriundo da classe média, e reconheço que nunca enfrentei dificuldades materiais ao longo da vida. Sou filho de pais separados e, desde a infância, fui criado por minha mãe, trabalhadora da educação, professora e diretora escolar. Cresci ao lado de minhas duas irmãs, sendo o filho do meio.

Atualmente, minha mãe está aposentada como professora, mas segue como estudante, pois reconhece a potência da formação continuada. Quando éramos pequenos, além de atuar como professora e diretora, ela ainda encontrou tempo e força para concluir o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado, sempre conciliando o trabalho acadêmico com os cuidados dos filhos em casa, além do trabalho doméstico.

Minha mãe fez o mestrado na UFPel e terminou o curso no devido prazo. Quando tentou entrar no doutorado, não foi aprovada. O que oportunizou participar da seleção de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foi aceita. O processo de doutoramento se realizou nas idas e vindas a Porto Alegre todo final de semana, durante os 4 anos de curso. Acabou com orgulho de seu próprio trabalho.

Toda essa potência e vontade de minha mãe, permitiu que tivéssemos uma referência de esforço e vontade, sem contar que a mesma sempre instituiu a necessidade da formação, e nesse caminho dispôs das condições necessárias para estar onde estou hoje. Hoje, reconheço seus esforços e me aproximo do tema como forma de reconhecer essa potência que move muitas mulheres no seu caminho de formação e atuação na educação, cuidando muitas vezes sozinha de seus filhos e filhas.

## Franciele: Autocobrança que persiste

Franciele, 42 anos, branca e de classe média, é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPel e mãe do Ian, de 7 anos. Formada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), realizou o mestrado e doutorado em Educação na UFPel, com estágio sanduíche nos Estados Unidos, experiência essa que considera fundamental em sua trajetória acadêmica. Deixou claro desde o início que teve todo suporte emocional e financeiro da família durante sua trajetória acadêmica, e que pôde ser agraciada com bolsas acadêmicas durante toda sua formação.

Veio a ser mãe do Ian quando recém havia assumido o cargo de docente na Escola Superior de Educação Física (ESEF). Devido a isso, teve acesso a direitos como licença-maternidade e férias remuneradas, algo de pouco acesso à grande maioria das mulheres. Seu marido é autônomo, com horários flexíveis, o que tornou o suporte principal. Ela comenta que não tem uma rede de apoio familiar além de seu marido, uma vez que sua família é de Caçapava. Ela conta que seu marido assumiu as tarefas domésticas, bem como cuidar do Ian nos momentos em que está trabalhando:

*“Sempre foi nós dois. Mas a gente sempre trabalhou muito junto, cuidou do filho muito junto. Às vezes até eu digo que o meu marido educou muito mais, e educa muito mais o meu filho do que eu, porque ele fica mais tempo com ele e ele se dedica. Enfim, então isso facilitou muito, muito, muito.”*

Embora reconheça esse privilégio, ela não elimina um certo sentimento de culpa: -*“A gente se pergunta sempre né, será que estou dando atenção suficiente para o meu filho?”*. Ainda que o trabalho de pesquisadora proporcionasse o trabalho em casa, algo do qual ela sempre gostou muito, hoje esse ambiente já não lhe parece um espaço tão tranquilo para a elaboração de seus trabalhos acadêmicos, embora também reconheça o privilégio de estar próxima do Ian. Por isso foi “se virando”, adotando estratégias noturnas para conseguir realizar as tarefas da universidade: - *“muitas vezes eu esperava o filho dormir para eu trabalhar, para eu fazer as minhas coisas com mais tranquilidade.”*

Ainda assim, há autocobranças por produtividade, ponderando sempre entre o dilema do cuidado do filho com as demandas acadêmicas: - *“A gente coloca na balança isso, né, às vezes quando eu acho que eu tô me dedicando muito ao trabalho, eu paro e penso, não, pera aí, vamos dar uma parada para eu também ficar mais com o meu filho”*. Franciele simboliza

esse paradoxo da mãe pesquisadora que, mesmo com os privilégios de um cargo público, ainda está à mercê dessa mesma estrutura, que exige um trabalho constante e quase incompatível com a maternidade, como conta:

*“É um trabalho diário, né? De conciliar a maternidade e o trabalho acadêmico que a gente sabe que a gente sempre leva trabalho para casa. Temos que ler para orientar e estruturar as aulas da graduação e pós-graduação[...]”.*

A trajetória de Franciele demonstra que a maternagem e o trabalho acadêmico seguem sendo um desafio cotidiano. Em meio aos hábitos noturnos, sentimento de culpa e autocobrança por produtividade, ela expressa esse lugar vivido por muitas mães pesquisadoras que, mesmo próximas de seus filhos, seguem submetidas a uma lógica acadêmica incompatível com seus projetos. Neste caso, ela sugere políticas como creches universitárias e flexibilização de prazos, e reforça a necessidade de transformar uma estrutura que ainda presume a ausência de vínculos de cuidado na vida acadêmica.

### **Silvia: entre maternidades e lideranças**

Silvia, recém nomeada professora da ESEF/UFPeI, coordenadora adjunta do curso de licenciatura em Educação Física. Mãe da Sophie, de 8 anos, e do Artur, de 5 anos. Oriunda como estudante da ESEF/UFPeI, após terminar o mestrado foi para Rondônia, trabalhar na Universidade Luterana do Brasil e posteriormente na UNIR em 2010. Em 2013 se afastou para o doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), e em 2017, após seu retorno, ela e o marido planejaram engravidar: *“faltava um pouquinho para acabar o doutorado e aí a gente achou que era a melhor fase. Eu engravidei e ela nasceu antes da tese”.*

Foi ainda um período de idas e vindas, bem movimentado e turbulento, principalmente sem redes de apoio:

*“Então, a gente não tinha rede de apoio. Nada. Eu e meu esposo [e família], todos daqui do Rio Grande do Sul. Eu acabei ficando lá sozinha. Primeiro filho, então eram muitos medos e tal... E aí eu levava ela todos os dias para o meu trabalho. Foi comigo até os 2 anos.”.*

Silvia sempre gostou dos cargos de gestão e, como se pode ver, não abre mão deles:

*“Eu tenho gosto por cargos de chefia, administração é uma qualidade minha. Nesse período de gestação e maternidade a mil, nunca deixei de ser coordenadora. Aqui na ESEF, mesmo dizendo que não faria, já estou coordenando a licenciatura. O que é bem difícil com 2 filhos pequenos totalmente dependentes de mim.”.*

Em Rondônia, era vice-coordenadora, ainda orientando e dando suas aulas, menciona que se sentia sufocada com as tarefas, principalmente por sua filha depender ainda de amamentação e um cuidado mais próximo. Nesse período, ela compartilha parte de suas estratégias antes de começar a levar sua filha à escolinha:

*“Então, na minha sala tinha um tablado, uma divisão de madeira, e ela ficava atrás, ela e a babá - uma menina que cuidava ela, brincava com ela. A guria tinha 18 anos, descia lá para a quadra, brincava com ela. Então, foi bem legal eu ter ela sempre perto. Ela mamava ainda, tomava uma madeira, tinha todas as questões de alimentação. Mas era ali próximo a mim, então eu via isso. Todas as manhãs a gente ia para a universidade.”.*

Na medida em que Sophie foi crescendo, falando mais, ela passou a frequentar a escolinha, dando um certo alívio nas demandas conciliadas da universidade. Ela conta que posteriormente, quando nasce o Arthur, ele passa a frequentar a escolinha mais cedo, no período de um ano de idade, e Sophie já tinha seus 3 anos e acabava cuidando dele naquele ambiente: - *“Então, quando ele realmente entrou na escolinha, que ele já tinha um aninho, ela cuidava dele. Então, para mim isso foi tranquilo”.* Em seguida, veio a pandemia e eles voltaram para o Rio Grande do Sul, trabalhando de forma remota, com as crianças em casa.

Silvia sempre equilibrou bem suas aspirações com a academia e a maternidade, mesmo que isso signifique um fardo muito maior em relação a seus colegas homens. Ela ainda tem perspectiva de retornar a sua produção como antes da maternidade, sobretudo vendo que seus filhos vão se tornando cada vez menos dependentes dela: - *“Como metas futuras, vejo que cada vez menos eles irão precisar exclusivamente de mim, e assim minha dedicação poderá aumentar, anseio por isso”.* Mas, ainda assim, sua visão sobre a produção se transformou: novas prioridades, novas satisfações... como explica:

*“Hoje, eu vejo que minhas prioridades mudaram: antes um AI era suficiente para me deixar feliz. Hoje percebo que o que mais importa é eles estarem bem e saudáveis. A produção do conhecimento ganhou um lugar menor nas minhas prioridades. Mas, ainda me mantém motivada e certa que fiz a escolha certa na carreira!”.*

Quando questionada sobre possíveis sugestões de mudanças para que a academia fosse mais inclusiva em relação às mães, ao tentar elaborar estratégias com referências de outros lugares, desabafa:

*“Lucas, eu não sei te dizer o que a academia precisa mudar para ser inclusiva com as mães. É tudo tão injusto e tão diferente do que é para os pais, para os homens. Eu sempre brinco que se tiver reencarnação eu quero vir homem. É muito injusto. A*

*nossa carga de trabalho é muito grande. Ela é em casa, ela é com as crianças, ela é no trabalho. Então, eu não consigo te dizer.”.*

Após isso, ela menciona sobre espaços ou projetos de extensão que envolvam a recreação para crianças, que pudessem deixá-las enquanto trabalham. Mas a fala evidencia a invisibilidade estrutural do cuidado na academia, onde mães precisam improvisar soluções individuais para um problema que é coletivo. A sugestão de um "espaço de recreação" na ESEF aponta para a urgência de políticas que reconheçam a maternidade como parte integrante da vida acadêmica.

### **Eduarda: a doutoranda nas horas vagas**

A Eduarda, 26 anos, branca, do Povo Novo (Distrito de Rio Grande), é doutoranda no programa em Educação Física na UFPel, desde 2024. Mãe da Marina, de 1 ano e 3 meses. Descobriu a gravidez em meio ao processo de mestrado e acabou defendendo grávida. Em seguida, Marina vai para casa, inicia-se a seleção de doutorado no programa e Eduarda é selecionada: - *“E aí, desde lá, eu venho cursando doutorado e sendo mãe. Então, são duas coisas que demandam um bom tempo.*

Sua formação inicial e continuada é marcada por suscetíveis idas e vindas, nos ônibus para o Povo Novo. Sempre trabalhou para se manter, em diversas áreas que envolvem o movimento humano. Embora sempre tenha convivido com desafios, ela menciona algo que atravessa a maternidade nesse espaço, a falta de tempo, que foi uma primeira preocupação quando adentra o programa de pós-graduação: *“Desde a seleção, foi algo que eu tive que conseguir organizar esse tempo, porque ser mãe é entender que quase todo o teu tempo é destinado para aquele ser que precisa de ti, para a minha filha”.* Isso porque ela comenta sobre a questão da alta dependência nesse primeiro período da vida, mas complementa *“O segundo maior desafio para mim é ter que deixá-la, por mais que eu não tenha uma rede de apoio, é ter que deixá-la para sair e fazer as minhas questões acadêmicas, já que eu não consigo fazer tudo de casa.”.*

Ela comenta sobre a importância de ter sido contemplada com a bolsa de doutoramento, que lhe permite agora dedicar-se à filha, já que não precisa trabalhar fora. Isso acabou contribuindo para a gestão do tempo entre a maternidade e o doutorado:

*“Uma é você escrever a sua tese, se dedicar ali ao seu doutorado, e a outra é ser mãe, porque você é mãe em tempo integral. Não é assim, tipo, “ah, vou fazer oito horas de turno de mãe e depois vou ser acadêmica”. Não, você é mãe em tempo integral e nos tempos livres você é doutoranda.”*

Antes de estratégias para conseguir conciliar o tempo da maternidade com o de pesquisadora, ela comenta sobre ter uma forte rede de apoio. Para exemplificar, ela comenta que, um pouco antes da Marina nascer até fevereiro deste ano, quando teve que trabalhar fora também, sua irmã passou a morar com ela e seu marido:

*“[...] minha irmã me ajuda bastante e por um bom tempo morou comigo para me ajudar. Antes da Marina nascer até fevereiro de 2025, a minha irmã morava comigo. Então, nossa, me deu um pulmão: para participar da seleção, da entrevista e me concentrar nas coisas da universidade... Minha sogra também me ajuda muito. Todas as vezes que eu preciso ir para a ESEF em algum compromisso acadêmico, ela fica muito tranquila com a Marina. Meu marido também, por questão de ele trabalhar em casa, ele me ajuda muito nas questões da casa, de ficar com ela.”*

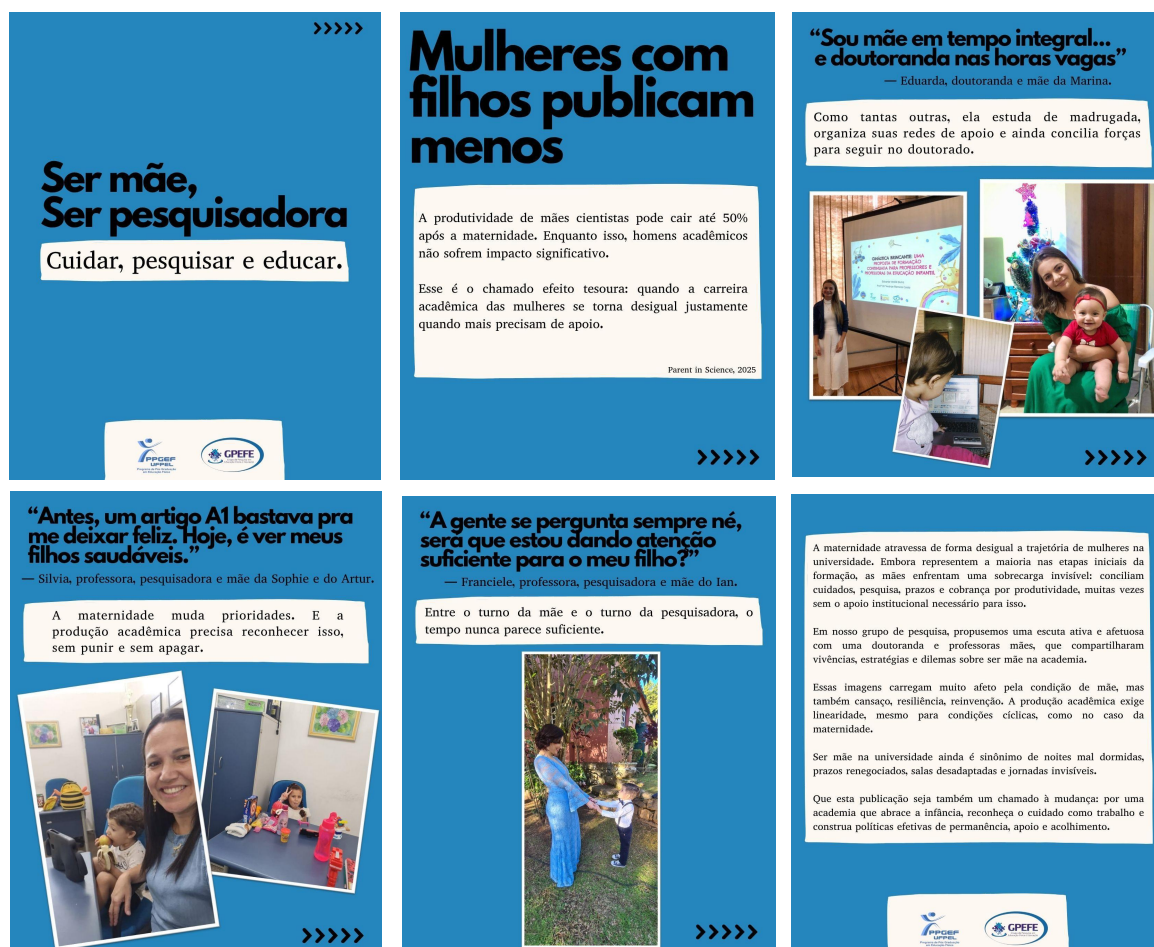
Dentre as estratégias utilizadas para conciliar a maternidade, a madrugada foi sua aliada para a realização de suas atividades de estudo, como explica: - *“Dar prioridade para ela durante o dia e, quando ela dorme da noite, reservar duas, três, quatro horas necessárias ali para fazer as coisas noturnas, assim, as coisas da universidade.”*

A experiência de Eduarda revela os desafios de maternar na pós-graduação, marcados por negociações diárias entre cuidado e produção acadêmica. Como suas reivindicações para uma academia mais inclusiva, ela defende a flexibilização de prazos e a não equiparação com colegas homens, especialmente os que não exercem a paternidade. Ela aponta para a urgência de uma universidade que reconheça e acolha as múltiplas existências que a habitam. Sua trajetória mostra que ser mãe e pesquisadora não são papéis excludentes, mas que coexistem no mesmo corpo.

### **Ação de ampliação: o post**

Postamos o material dia 04/08/2025 no Instagram @gpfe.ufpel. Utilizamos outra maneira de comunicar devido à especificidade do público na ESEF/UFPEL. Abaixo, apresentamos as imagens que compõem o carrossel postado.

Imagem 1 - Carrossel instagram



Fonte: elaborado pelos autores.

Como um breve panorama da repercussão, o post tornou-se, em menos de um dia de publicação, o que registrou maior número de curtidas e engajamento na página do grupo, evidenciando a forte demanda por visibilidade em relação ao tema<sup>5</sup>.

## 8 Síntese e análise da experiência

A experiência apresentada, assim como o cotidiano de mulheres que maternam conciliando suas atividades acadêmicas, exigiu adaptações para abranger a realidade das mães participantes. Com base em Korol (2016), buscou-se integrar razão e emoção na produção de

<sup>5</sup> Ver mais em: [https://www.instagram.com/p/DM8IPVGu5Ft/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DM8IPVGu5Ft/?img_index=1).

um conhecimento coletivo, por meio da escuta ativa, como uma pedagogia da curiosidade, do diálogo, da escuta sensível e da criação compartilhada de saberes. As experiências vividas foram valorizadas como ponto de partida para a reflexão crítica e para a ação política. Inspiradas em hooks (2007), foram promovidos espaços de liberdade e acolhimento, onde o contar e o ouvir ativo atuaram como práticas de conscientização e transformação, rompendo com dinâmicas opressoras que historicamente silenciam e marginalizam determinadas vozes.

Os relatos de Franciele, Silvia e Eduarda demonstram como a maternidade impõe desafios específicos às mulheres no meio acadêmico, mesmo quando essas mulheres possuem certa estabilidade, como no caso das docentes (Carpes, et al., 2022). Apesar de trajetórias distintas, todas vivenciam a sobrecarga do trabalho de cuidado e a necessidade de conciliar a vida acadêmica com a responsabilidade pela criação dos filhos, elemento central da crítica feminista ao patriarcado sobre a divisão sexual do trabalho (Ochoa, 2007), que também atravessa o modelo capitalista na esfera da produção de conhecimento. Em estudo recente com docentes mães no contexto da ESEF/UFPel, Jurgina (2025) constatou altos níveis de exaustão emocional e à percepção de baixa realização profissional, ao investigar a ocorrência da Síndrome de Burnout (SB). Embora a maioria das participantes do estudo não tenha apresentado altos níveis de despersonalização, o que estaria se aproximando junto às demais características da SB, a exaustão emocional teve destaque, elemento que traz prejuízos à saúde mental e ao bem-estar.

No caso de Franciele e Silvia, nota-se que a estabilidade do cargo público trouxe perspectivas para exercer a maternidade, inclusive de forma programada. Direitos como afastamentos com boa remuneração, em relação a outros trabalhos na Educação, tais como licença-maternidade e férias, bem como maridos que maternam, demonstraram privilégios aos quais poucas mulheres têm acesso. Já no caso de Eduarda, que precisou trabalhar durante a gestação e no início dos primeiros cuidados, pôde contar com uma bolsa de estudos, o que permitiu certo alívio para dedicar-se à maternidade e também aos estudos. Mesmo assim, o caso das professoras demonstra um cenário em que a estabilidade não se mostrou determinante para uma relação harmônica entre a maternidade e sua produção acadêmica, em que maternar e outras atribuições domésticas ainda recaem sobre as mulheres (Carpes et al., 2022).

No que diz respeito às estratégias adotadas na conciliação entre maternagem e atuação/formação acadêmica, destaca-se a experiência de Silvia, que buscou improvisar estratégias para ocupar espaços na universidade. Sem apoio institucional, ela se viu obrigada a organizar, de forma quase clandestina, momentos com a babá, mulher mais jovem inserida na cadeia intergeracional do cuidado. Em outro contexto, sua filha mais velha assume a responsabilidade de cuidar do irmão mais novo na escolinha, evidenciando como o cuidado é socializado desde cedo entre meninas<sup>6</sup>. Essas práticas não apenas refletem a ausência de políticas de apoio à maternidade na academia, como também revelam o que Muniz e colaboradoras (2020) identificam como a naturalização da invisibilidade do cuidado materno nos espaços universitários. Tais espaços, estruturalmente excludentes, não se organizam para acolher crianças e frequentemente expõem as mães a olhares de julgamento e censura. Além disso, essas situações reiteram o papel historicamente atribuído às mulheres como cuidadoras desde a infância, perpetuando a expectativa de que devem desempenhar essa função ao longo da vida.

Embora o trabalho doméstico não tenha sido mencionado, exceto no caso de Eduarda junto à sua família, a maternagem demandou hábitos de trabalho noturno para que elas dessem conta de suas tarefas acadêmicas. Isso demonstra que a divisão sexual do trabalho, sustentada pela dependência da criança em relação à mãe, ainda impacta diretamente sua produção, tanto nos aspectos cognitivos quanto na qualidade do sono, sendo necessário um melhor equilíbrio para o exercício dessas atividades (Alves, 2020). Além disso, ficou claro o trabalho permanente que a maternidade e a universidade demandam, como evidenciado em suas experiências. Embora se fale sobre o privilégio da licença-maternidade, ela parece ser, no mínimo, insuficiente para exercê-la, uma vez que esse processo é tratado como um problema individual (Muniz et al., 2020).

Retomando a questão dos espaços universitários, estes não são acolhedores para crianças ou para a maternidade em si, o que nos leva a refletir sobre os próprios espaços da (so)ci(e)dade, os quais não são pensados para as crianças, como discute Tonucci (2018). As

---

<sup>6</sup> Deve-se considerar que, caso a condição fosse inversa, se o irmão fosse o mais velho, provavelmente cuidaria de sua irmã mais nova. No entanto, desde muito pequenas, as meninas já são inseridas nas dinâmicas do cuidado por meio de brincadeiras que reforçam papéis sociais, como cuidar de bonecas-bebê ou brincar de casinha, onde encenam responsabilidades domésticas, familiares e maternas.

idades, sob a lógica do capital, não se estruturam para atender às demandas sociais, mas sim às exigências do mercado, na dialética entre lucro e exploração. Exemplos disso são cidades que, em detrimento de espaços verdes amplos que poderiam proporcionar ricas e seguras experiências para as crianças, priorizam estacionamentos; apartamentos projetados como empreendimento para gerar lucro, e não para as pessoas morarem. Afinal, mora quem pode comprar. Essa lógica reflete uma sociedade que se exime de sua corresponsabilidade social com a educação e o cuidado das crianças, reforçando a ideia da maternidade como um processo exclusivo das mães. Como alertam Muniz e colaboradoras (2020, p. 106):

É urgente retomar a ideia de que uma criança é responsabilidade de todos e de todas: mães, pais, avós, avôs, tios e tias, dos seus e dos outros. Ou, ao menos, deveria ser, se as pessoas reconhecessem que a construção de uma sociedade coletiva, democrática, justa e igualitária – discussão tão presente nos eventos acadêmicos, diga-se de passagem – passa diretamente pelo modo como educamos nossas crianças.

As sobrecargas enfrentadas por mães na universidade, que precisam conciliar jornadas duplas ou triplas com exigências produtivistas, foram expostas juntamente com suas reivindicações por: maior flexibilização de prazos acadêmicos, a criação de creches ou espaços com infraestrutura adequada para acolher mães e suas crianças, e a implementação de bolsas ou auxílios específicos para mães. Essas demandas, já destacadas tanto pelas docentes quanto discutidas por Souto-Marchand, Galvão e Fernandes (2020), as quais apresentaram o aprofundamento da desigualdade durante a pandemia. Isso permite que avancemos no reconhecimento da maternidade como parte integrante da prática formativa e política, inclusive para a produção científica de mulheres que desejam ou já são mães durante sua carreira acadêmica (Cares et al., 2022; Staniscuaski, 2023; 2024).

O fato do post ter sido o com mais engajamento em menos de 24h, aponta para a urgência de pautar politicamente as condições que afetam as mulheres na universidade, sobretudo aquelas que maternam, denunciando a persistência de uma lógica patriarcal que organiza a vida acadêmica de forma excludente. Como defende Ochoa (2007), visibilizar essas experiências é um gesto radical, pois permite romper com as naturalizações impostas pelo patriarcado e imaginar coletivamente outros projetos de mundo.

Mais do que uma ação pontual, o post gerou um espaço simbólico de acolhimento e identificação entre mulheres que, muitas vezes, enfrentam sozinhas a sobrecarga do cuidado, o isolamento institucional e a invisibilidade de suas demandas. Trata-se, portanto, de uma ação que denuncia a ausência de políticas públicas voltadas à superação da maternidade patriarcal e, ao mesmo tempo, afirma a potência de uma prática pedagógica feminista popular, construída na escuta, na coletividade e na disputa por uma universidade que valorize a vida em todas as suas dimensões.

De modo geral, o acúmulo da responsabilidade pelo trabalho de cuidado, historicamente atribuído às mulheres, impõe desafios que aprofundam a exclusão vivida em diversos espaços da vida. No que tange à maternidade, como foco desta discussão, expõe-se com maior transparência a sobreposição entre a reprodução da vida e a precarização da inserção das mulheres em espaços de decisão, produção e reconhecimento, como no meio acadêmico. Essa dinâmica, longe de ser natural, é resultado de uma divisão sexual do trabalho marcada por desigualdades de gênero, classe e raça, sustentada por um modelo patriarcal e capitalista de produção que organiza toda a estrutura social (Molina, Cornils, 2020; Ochoa, 2008).

## Referências

ALVES, Sarah Rocha. *O impacto da maternidade na saúde mental da comunidade acadêmica: identificando vulnerabilidades*. Dissertação (Mestrado em Ciências Biomédicas – Fisiologia) – Instituto Biomédico, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas (Fisiologia e Farmacologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

CARPES, Pâmela Billig Mello; STANISCUASKI, Fernanda; OLIVEIRA, Leticia de; SOLETTI, Rossana C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. *Epidemiologia e serviços de saúde*, v. 31, n. 2, p. e2022354, 2022.

CHAVES, Danuza Santana dos Santos ; TRINDADE, Larissa dos Santos ; DANTAS, Lys Maria Vinhaes. *Maternagem no Ensino Superior: desafios, estratégias e demandas das mães estudantes na UFRB*. **Anais Educon**, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 10, p. 2-17, set. 2020. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13726/8/7>> . Acesso em: 29/07/2025

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

JURGINA, Otávio Quevedo. *Síndrome de Burnout e a realidade de Professoras Universitárias Mães: Um Estudo de Caso na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Pelotas*. 45f. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Curso de Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

KOROL, Claudia. La educación popular como creación colectiva de saberes y de haceres. IN: KOROL, Claudia; CASTRO, Gloria Cristina (Orgs.). *Feminismos populares: pedagogias e políticas*. 1. ed. Bogotá: La Fogata Editorial, 2016. Pg. 71 – 89.

MOLINA, Johanna; CORNILS, Patrícia. *Manual de Educação Popular Feminista: Sembrar justiça de gênero para desmantelar o patriarcado*. Amigos da Terra Internacional, 2020.

MUNIZ, Adriana Werneck Russo et al. *Será mesmo sobre a pandemia? Caminhos possíveis para mães pesquisadoras*. IN: SOUTO-MARCHAND, Andreia Silva de; GALVÃO, Elisandra; FERNANDES, Morgana (Orgs.) *Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade*, v. 1, p. 100-113, 2020.

OCHOA, Luz Maceira. *Una propuesta de pedagogía feminista: teorizar y construir desde el género, la pedagogía y las prácticas educativas feministas*. Ponência apresentada no I Coloquio Nacional Género en Educación. Universidade Pedagógica Nacional, México, DF, 2007.

SILVA, Márcia Alves da. *Educação popular feminista numa perspectiva descolonial latino-americana*. Acta Scientiarum. Education, v. 44, 2022.

STANISCUASKI, Fernanda. *A maternidade não é obstáculo à excelência acadêmica, mas sim uma questão de que estruturas institucionais e culturais inadequadas que precisam ser reformadas*. Revista ESG Insights, 2024. Disponível em: <<https://esginsights.com.br/os-desafios-enfrentados-por-maes-cientistas-no-brasil/>> Acesso em: 20/07/2025.

STANISCUASKI, Fernanda. *The science meritocracy myth devalues women*. Science, v. 379, n. 6639, p. 1308-1308, 2023.

TONUCCI, Francesco. *A solidão da criança*. Ciranda de Letras, 2018.